

## Gênero, feminismo e direitos humanos em sala de aula: relato de uma experiência escolar

Aparecida Dias Terras Gomes<sup>1\*</sup> 

<sup>1</sup>Universidade Federal do Sul da Bahia – Brasil

\*Autor de correspondência: [cidaterras@hotmail.com](mailto:cidaterras@hotmail.com)

### RESUMO

Este relato de experiência teve como objetivo abordar questões de gênero, feminismo e direitos humanos, utilizando o livro *Malala, a menina que queria ir para a escola*, de Adriana Carranca (2018), com alunos do 7º ano do ensino fundamental em uma escola pública. A história da ativista paquistanesa Malala Yousafzai serviu como base para leitura, fichamento, tertúlia literária, produção de cartas motivacionais e discussões sobre igualdade de gênero, acesso à educação e dos direitos humanos. A metodologia adotou uma abordagem participativa, com o uso de recursos visuais, como vídeos, para ampliar a compreensão e o engajamento dos estudantes. O referencial teórico fundamentou-se nas perspectivas de Spivak (2010) e hooks (2017, 2021), dialogando com teorias feministas e documentos internacionais. O estudo dessa obra incentivou reflexões sobre desigualdade de gênero e educação equitativa, promovendo a desconstrução de estereótipos e o fortalecimento da consciência crítica dos estudantes. A experiência também estimulou o protagonismo juvenil na defesa dos direitos humanos e na promoção da cultura da paz, reforçando o papel da educação na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

### ABSTRACT

This experience report aimed to address issues related to gender, feminism, and human rights, using the book *Malala, the girl who wanted to go to school*, by Adriana Carranca as a study resource for 7th-grade students in a public school. Inspired by the story of Pakistani activist Malala Yousafzai, the initiative sought to promote reading, summarization, literary tertulia, the production of motivational letters, and debates on gender equality, access to education, and human rights advocacy. The applied methodology included a participatory approach, incorporating visual resources such as videos to enhance students' understanding and engagement. The theoretical framework was based on the post-critical theories of Spivak (2010) and hooks (2017, 2021), exploring feminist theories and international documents. This article highlights the significance of Malala's story as an example of courage in the fight for gender equality and the right to education. The study of this work fostered reflections on gender inequality, feminism, and human rights, encouraging students to deconstruct stereotypes and value equitable education. The discussion inspired youth protagonism in promoting a culture of peace and equality, reinforcing the transformative role of education in building a more just society.

### RESUMEN

Este relato de experiencia tuvo como objetivo abordar cuestiones de género, feminismo y derechos humanos, utilizando el libro *Malala, la niña que quería ir a la escuela*, de Adriana Carranca (2018), con alumnos de 7º grado de la educación básica en una escuela pública. La historia de la activista paquistaní Malala Yousafzai sirvió como base para la lectura, el fichaje, la tertulia literaria, la producción de cartas motivacionales y los debates sobre igualdad de género, acceso a la educación y derechos humanos. La metodología adoptó un enfoque participativo, utilizando recursos visuales, como vídeos, para ampliar la comprensión y el compromiso de los estudiantes. El marco teórico se basó en las perspectivas de Spivak (2010) y hooks (2017, 2021), dialogando con teorías feministas y documentos internacionales. El estudio de esta obra fomentó reflexiones sobre la desigualdad de género y la educación equitativa, promoviendo la desconstrucción de estereotipos y el fortalecimiento de la conciencia crítica de los estudiantes. La experiencia también estimuló el protagonismo juvenil en la defensa de los derechos humanos y en la promoción de una cultura de paz, reforzando el papel de la educación en la construcción de una sociedad más justa e igualitaria.

#### PALAVRAS-CHAVE:

Direitos Humanos  
Educação  
Gênero  
Malala Yousafzai  
Teorias Feministas

#### KEYWORDS:

Education  
Feminist Theories  
Gender  
Human rights  
Malala Yousafzai

#### PALABRAS-CLAVE:

Derechos Humanos  
Educación  
Género  
Malala Yousafzai  
Teorías Feministas

## Introdução

Este relato de experiência teve como objetivo proporcionar uma imersão na história de *Malala, a menina que queria ir para a escola*, de Adriana Carranca (2018), com alunos do 7º ano do ensino fundamental. A obra aborda questões centrais como desigualdade de gênero, feminismo e direitos humanos, a fim de despertar reflexões sobre o papel da educação na promoção da equidade. Ao utilizar essa narrativa, o intuito foi ampliar o conhecimento dos estudantes sobre o contexto vivenciado por Malala Yousafzai e estimular discussões críticas sobre os desafios enfrentados pelas meninas em contextos de opressão. A proposta metodológica foi fundamentada na participação ativa dos estudantes, com ações voltadas para o desenvolvimento de competências de leitura e escrita, além da promoção do pensamento crítico sobre temas como a defesa dos direitos humanos e o papel da educação na transformação social.

A metodologia adotada foi baseada em uma abordagem qualitativa e participativa. Os alunos tiveram a oportunidade de ler o livro na íntegra e realizar as atividades mencionadas, como fichamentos e tertúlias, além de discussões mediadas. Durante a leitura dialogada, eles foram incentivados a desenvolver suas habilidades leitoras, debater sobre os temas centrais, expressar opiniões e compartilhar experiências. Também utilizamos recursos visuais, como vídeos e imagens, para fortalecer a compreensão dos temas e engajar os estudantes de maneira mais dinâmica e reflexiva.

A fundamentação teórica deste estudo se baseou nos conceitos de igualdade de gênero, direitos humanos e acesso à educação. A obra de bell hooks, com ênfase na educação como prática da liberdade (2017, 2021), destaca a importância do feminismo na transformação da sociedade. Essas atitudes podem ter o potencial de impactar positivamente os cidadãos, podendo promover a transformação de desigualdades em igualdade de gênero, exclusão em inclusão e na implementação de políticas públicas efetivas, como ocorreu no caso do acesso à educação das mulheres no contexto de Malala.

A obra *Malala, a Menina que Queria Ir Para a Escola*, de Adriana Carranca, apresenta uma narrativa poderosa sobre a luta de Malala Yousafzai pelo direito à educação das meninas, em meio à opressão e discriminação de gênero. Ao

analisarmos essa história sob a ótica de teóricas feministas contemporâneas como bell hooks (2017, 2021), Djamila Ribeiro (2019) e Gayatri Spivak (2010), conseguimos aprofundar nossa compreensão das intersecções entre gênero, feminismo e direitos humanos, destacando o impacto das desigualdades estruturais enfrentadas pelas mulheres.

Em sua obra, bell hooks (2021) argumenta que o feminismo transcende as questões das mulheres, sendo uma luta por justiça social que beneficia toda a sociedade. No contexto de *Malala, a Menina que Queria Ir Para a Escola*, essa visão nos ajuda a perceber que a luta de Malala pelo direito à educação não é apenas uma questão de gênero, mas de direitos humanos fundamentais. A análise de hooks (2021) nos incentiva a abordar o feminismo de forma inclusiva, reconhecendo as intersecções entre gênero, raça, classe e outras formas de opressão.

Djamila Ribeiro (2019) introduz o conceito de “lugar de fala”, que se refere à posição social e às vivências que moldam como percebemos e interpretamos o mundo. No caso de *Malala, a Menina que Queria Ir Para a Escola*, esse conceito nos ajuda a entender como a trajetória única de Malala, como mulher e ativista no Paquistão, influenciou sua luta pela educação das meninas. Ao mesmo tempo, seguindo Spivak (2010), podemos refletir sobre quem controla a narrativa de Malala, ressaltando a importância de ouvirmos diretamente as vozes subalternizadas e reconhecermos as dinâmicas de poder na representação dessas histórias.

Essa evidência se manifesta tanto nas atividades em sala de aula quanto nas vivências fora dela, uma vez que a Educação em Direitos Humanos visa à formação de cidadãos preparados para a convivência social, política e cultural em diferentes níveis. A Resolução (BRASIL, 2012) recomenda que esses temas sejam abordados de forma transversal e interdisciplinar. No estudo de *Malala*, trabalhamos três eixos centrais: desigualdade de gênero, feminismo e direitos humanos, por meio de atividades como leitura, fichamento, tertúlia, produção de cartas motivacionais e rodas de leitura colaborativas.

Com base na Resolução do MEC, o Governo do Estado do Espírito Santo, em 2014, lançou o Plano Estadual de Educação em Direitos Humanos (PeEDH), que estabelece a educação em direitos humanos como um eixo fundamental no

processo educativo (ESPÍRITO SANTO, 2014). Em função dessa diretriz, optamos por trabalhar com esse enfoque em sala de aula, desenvolvendo as cinco atividades mencionadas anteriormente: leitura, fichamento, tertúlia, cartas motivacionais e rodas de leitura, a fim de aprofundar a reflexão sobre os direitos humanos.

Esses temas contemporâneos vão além da dimensão cognitiva, abrangendo também aspectos políticos e éticos da formação dos indivíduos, visando a uma educação integral e humanizadora. Suas abordagens, presentes nas propostas curriculares, buscam superar a simples transversalidade, tornando-se estruturantes dos objetivos de aprendizagem. O Art. 4º da Constituição Brasileira (1988) destaca princípios fundamentais, como a prevalência dos direitos humanos e a promoção da paz. O respeito a esses princípios é essencial para garantir uma educação equitativa, pacífica e plural, voltada para o progresso humano e social.

O *Programa Mundial para a Educação em Direitos Humanos: Plano de Ação* da UNESCO, publicado em 2012, estabelece uma estratégia global para promover a educação em direitos humanos. Embora o plano tenha diretrizes valiosas, sua aplicação ainda enfrenta desafios em países como o Paquistão, especialmente no Vale do Swat, onde Malala cresceu. Como educadora, não cumpro esse plano apenas formalmente, mas integro meus alunos nessa causa por convicção pessoal e pelo compromisso que tenho com a sociedade de promover uma educação consciente e transformadora.

O direito à educação no Brasil é assegurado pelo artigo 205 da Constituição Federal de 1988, que define que "a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho" (BRASIL, 1988). Os artigos seguintes, especialmente o artigo 206, detalham os princípios e diretrizes que orientam a educação em nosso país. Um desses princípios é o "IX - garantia do direito à educação e à aprendizagem ao longo da vida" (BRASIL, 1988). No entanto, vimos que esse princípio foi gravemente violado em regimes como o Talibã, o que evidencia falhas no cumprimento da lei. Para assegurar que a legislação seja respeitada e implementada de maneira eficaz, é fundamental buscar alternativas como a fiscalização rigorosa e a mobilização da sociedade.

Importa ressaltar que esses princípios não se limitam apenas a ativistas renomadas, como Malala Yousafzai; eles se aplicam a todas as mulheres, incluindo as estudantes do 7º ano do ensino fundamental. Ao conceder voz e reconhecer suas perspectivas únicas, estamos construindo um mundo onde todas as vozes são valorizadas e onde todas as mulheres têm a oportunidade de se expressar e impactar positivamente o futuro da sociedade. É por meio dessa inclusão e reconhecimento que podemos avançar em direção a uma sociedade mais justa e igualitária para todos, independentemente de gênero, raça, classe ou qualquer outra característica.

## **Metodologia**

A metodologia aplicada foi qualitativa e participativa, com o objetivo de transformar a sala de aula em um espaço de prática da liberdade, conforme defendido por bell hooks (2021). Foram realizadas atividades de leitura dialogada, fichamento, tertúlia literária, produção de cartas motivacionais e roda de leitura. As ações buscaram desenvolver a proficiência leitora e fomentar debates sobre a igualdade de gênero e o feminismo, utilizando a obra de Carranca como eixo central. Os recursos visuais, como vídeos e imagens, complementaram o processo de ensino-aprendizagem, facilitando a compreensão dos estudantes.

O presente estudo se baseia em uma abordagem qualitativa e participativa, com o objetivo de transformar o ambiente da sala de aula em um espaço de educação como prática da liberdade. O relato de experiência é organizado a partir de uma pesquisa de campo, “desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2002, p. 44), além da obra *O feminismo é para todo mundo*, de bell hooks (2021), que esclarece a visão equivocada que muitos têm sobre o feminismo, que frequentemente é mal interpretado como um movimento de mulheres que desejam se opor aos homens ou serem iguais a eles. Segundo hooks, “essas pessoas nem pensam que o feminismo tem a ver com direitos – é sobre mulheres adquirirem direitos iguais” (hooks, 2021, p. 12). A referida autora afirma que “feminismo é um movimento para acabar com sexismo, exploração sexista e opressão” (hooks, 2021, p. 13). O verdadeiro problema é o sexismo. Compreender isso é essencial para

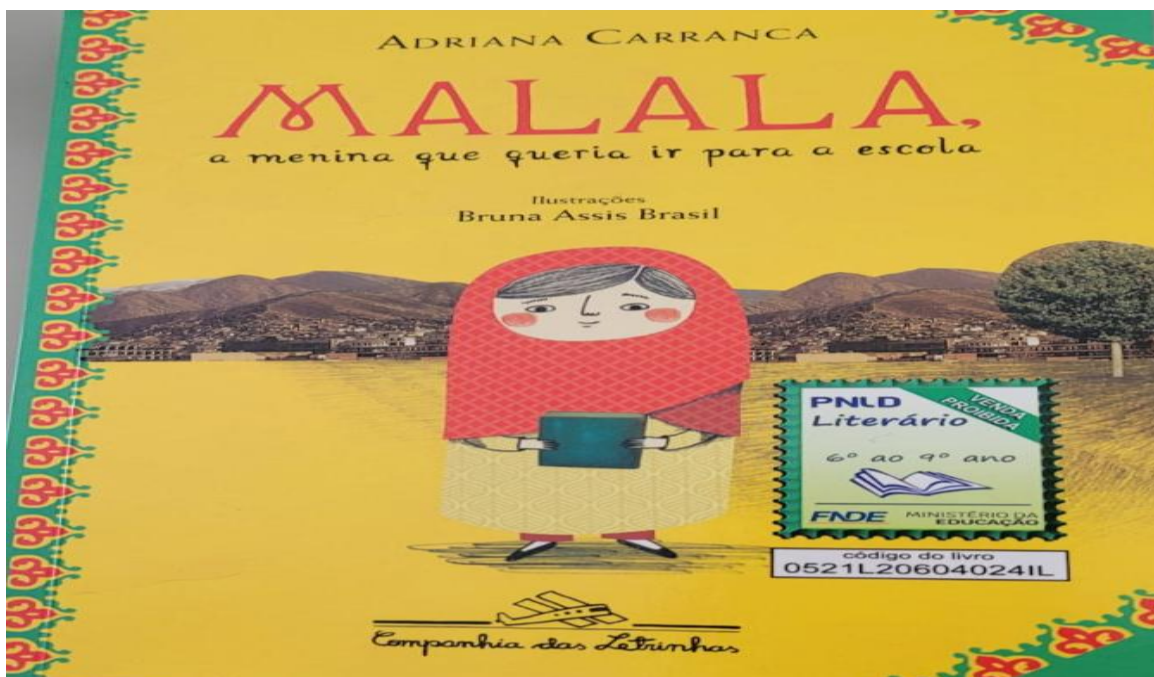
reconhecer que, desde o nascimento, tanto homens quanto mulheres são condicionados a aceitar pensamentos e comportamentos sexistas. A desconstrução dessas ideias é fundamental e pode ser promovida pela escola por meio de estudos e ações que incentivem a reflexão crítica dos estudantes sobre essas e outras temáticas.

Durante um trimestre, nas aulas de Língua Portuguesa e Redação, com um total de seis aulas semanais, propusemo-nos a ler o livro *Malala, a menina que queria ir para a escola*, de Adriana Carranca (2018), disponível na biblioteca da nossa escola. A partir dessa leitura, realizamos cinco tarefas: leitura, fichamento, tertúlia literária, produção de cartas e uma roda de leitura para socialização das cartas.

Antes de iniciarmos a leitura, exibimos um vídeo na *smart TV* da sala de aula para que os estudantes conhecessem a história de Malala e se sentissem inspirados por sua coragem. Utilizamos o vídeo "Quem é Malala Yousafzai? Biografia Resumida! Conheça sua luta contra o Talibã" (disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=w\\_RJFqdr6fE](https://www.youtube.com/watch?v=w_RJFqdr6fE)). As aulas foram ministradas para duas turmas do 7º ano, cada uma com cerca de 35 alunos.

Durante a leitura do livro, cada aluno foi responsável por uma página: o primeiro aluno leu a primeira página, o segundo leu a segunda, e assim por diante até o fim do livro. Informei aos alunos que, ao encontrarem trechos interessantes, deveriam anotá-los no caderno, incluindo parágrafo e página, para facilitar o fichamento na aula seguinte. Após concluída a leitura, passamos para a aula de produção de fichamento.

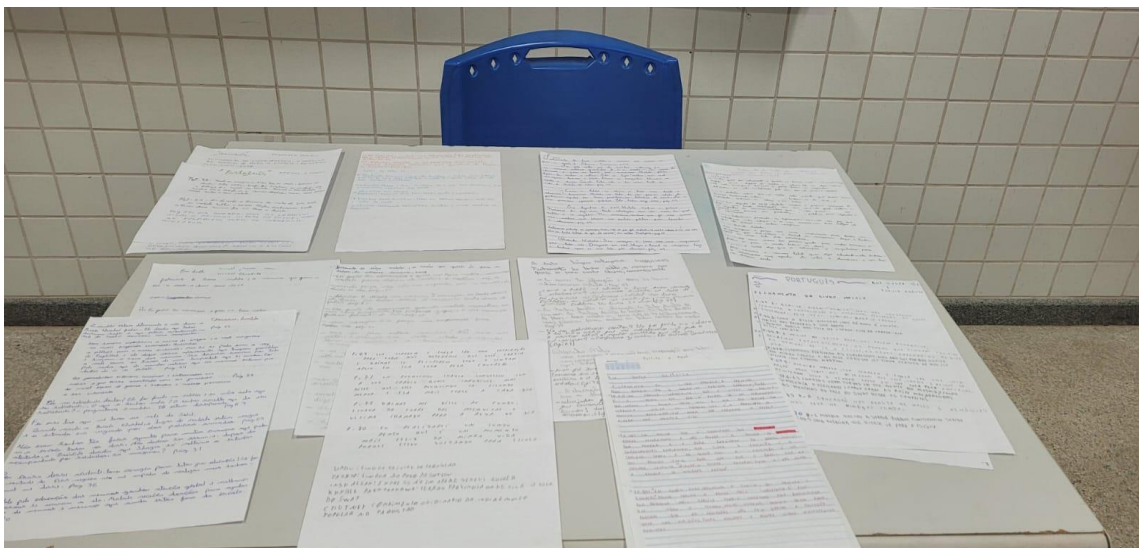
FIG. 1 Capa do livro



Fonte: Foto do arquivo pessoal do professor/pesquisador, 2023.

Na aula de produção de fichamento, os estudantes, que já haviam selecionado previamente os trechos que consideravam interessantes, foram divididos em duplas. Cada turma produziu entre 16 e 17 fichamentos colaborativos. Após a conclusão dessa tarefa, avançamos para a aula de tertúlia literária.

FIG. 2 Fichamentos



Fonte: arquivo pessoal do professor/pesquisador, 2023.

Esses fichamentos facilitaram na escolha do trecho para participarem da tertúlia, haja vista que fazer fichamento - mesmo que forma simplificada como a que adotamos - agiliza o processo de ensino aprendizagem e conhecimento de toda a história do livro. Isso permitiu que os estudantes identificassem, na prática, as temáticas trabalhadas, como questões de gênero, feminismo e direitos humanos, materializando as aprendizagens de forma nivelada. O fichamento foi estruturado em três etapas: a) referência do livro; b) trechos previamente selecionados; c) parágrafos e páginas do livro. Os comentários foram deixados para o momento da tertúlia, e o fato de os fichamentos terem sido elaborados em pares não impactou negativamente na escolha dos trechos, já que a seleção foi feita de forma consensual entre os estudantes. Agora, vamos ver como a tertúlia ocorreu na prática.

Na aula de tertúlia literária, os estudantes já conheciam a história motivadora de Malala Yousafzai e, com os excertos previamente selecionados, fiz a inscrição dos discentes que quiseram participar ativamente da tertúlia. Outros optaram por tecer comentários com base nas colocações e discussões dos colegas.

Alguns dos trechos selecionados pelos alunos foram: "Depois do café, os meninos iam brincar. Usando galhos de árvores como espadas, travavam lutas pelo domínio do espaço diminuto do quintal. As meninas não tinham muito tempo para isso porque ajudavam as mães no trabalho de casa" (CARRANCA, 2018, p. 27).

Uma aluna comentou sobre esse trecho: "Percebo claramente a diferença no tratamento dado a meninas e meninos, pois enquanto eles podem brincar, as meninas têm que trabalhar... Acho uma injustiça esse tratamento desigual" (aluna 1, 2023).

Esse comentário destacou a desigualdade de gênero que observamos desde cedo em nosso ambiente familiar. Mesmo sendo uma questão cultural, viver em tais condições dificulta a percepção do machismo e do patriarcalismo presentes em nossa sociedade. Além disso, as meninas eram forçadas a se casar muito cedo. Por exemplo, Razia, que hospedou a autora do livro, relatou: "Razia me contou que ela e o marido já tinham recebido três pedidos de casamento para a filha, porque as meninas do vale se casam muito cedo" (CARRANCA, 2018, p. 27).

Outro aspecto da desigualdade de gênero é que os meninos/homens têm poder de escolha, enquanto as meninas/mulheres, não. Razia, analfabeta, casou-se aos quinze anos com Sana. Sua filha, Aimun, não queria se casar tão jovem e, assim como Malala, desejava estudar. Infelizmente, isso era proibido em seu país. No vale do Swat, há uma preferência por filhos, com tratamento diferenciado desde o nascimento. O nascimento de um menino é celebrado com festas, enquanto o nascimento de uma menina raramente é anunciado, muitas vezes não é registrado, e ela se casará cedo e adotará o nome da tribo do marido (CARRANCA, 2018). É desanimador nascer e viver em um país onde a mulher é oficialmente invisível.

Malala foi uma menina que, embora tenha enfrentado muitos desafios, desfrutou de certos privilégios em comparação com outras meninas em seu contexto. Em parte, isso se deve ao fato de que ela nasceu em uma família que não fazia as distinções de gênero comuns na sociedade ao seu redor. Seus pais ofereceram a ela alguns privilégios, como a oportunidade de não se casar cedo e a possibilidade de continuar seus estudos enquanto isso ainda era permitido. Esses privilégios, embora limitados, foram significativos e contribuíram para sua trajetória e luta pela educação.

Malala mantinha uma relação próxima com seu pai, Ziauddin, um homem de grande honra e pacificador. Graças a essa proximidade, Malala aprendeu desde muito jovem a lutar em defesa dos menos favorecidos, especialmente aqueles, como ela, que eram vulneráveis às questões políticas e culturais de seu país. Despertar nos alunos a mesma força e coragem que Malala demonstrou não foi uma tarefa difícil. À medida que os estudantes avançavam na leitura, discutiam, participavam e ouviam as histórias, ficaram comovidos e surpresos com a determinação dessa jovem, que, apesar de sua idade, teve a coragem de defender seus direitos e os direitos de outras meninas que, como ela, não tinham acesso à educação.

Segundo Carranca (2018), as meninas naquela sociedade enfrentam uma intimidação tão profunda que não se sentem à vontade para expressar seus sonhos e aspirações, pois suas vidas são controladas pelos pais, que decidem seu futuro. Imaginar viver em função das escolhas que seu pai faz para sua vida é conceber

uma existência sem propósito, marcada por uma sensação de vazio e falta de direção. Viver sem liberdade não é verdadeiramente viver; é apenas sobreviver.

Malala incentivava a criação de políticas públicas para as meninas do vale do Swat. Carranca (2018, p. 32-33) relata: “As meninas também participavam de atividades fora da escola. Elas criaram a Assembleia de Direitos das Crianças, na qual se reuniam para discutir os problemas do vale do Swat e encaminhar pedidos e ideias de soluções para o governador.” Isso demonstra que não há diferença de gênero no potencial humano; meninas e meninos são igualmente capazes de realizar feitos extraordinários quando lhes são oferecidas as condições adequadas, sem barreiras que limitem as oportunidades das meninas em comparação com os meninos. Esses esforços resultaram em impactos significativos, como o fim do trabalho infantil e a garantia de acesso das crianças à educação. Esse tipo de ativismo ilustra como as “mudanças feministas já tocaram a vida de todas as pessoas de forma positiva” (hooks, 2021, p. 15), como evidenciado pelos exemplos citados.

Em seguida, outra aluna apresentou a leitura do excerto que escolheu: “- Eu quero ter educação e quero me tornar méd... – murmurou Malala pouco depois de receber a notícia. Ela ia dizer ‘médica’, mas mal conseguiu terminar a frase. Levou as mãozinhas delicadas ao rosto, emoldurado pelo véu cor-de-rosa, e chorou” (CARRANCA, 2018, p. 44). Não é de se admirar que aquele tenha sido o dia mais triste da vida de Malala. Após a leitura, a aluna fez o seguinte comentário:

às vezes fico pensando o quanto sou preguiçosa para estudar, não gosto de fazer as atividades, mas faço mesmo sem gostar..., mas penso que se eu não pudesse estudar, não tivesse uma escola para eu ir, ficaria muito triste assim como ela, pois sempre gostamos do que não temos. Por isso precisamos valorizar o temos, no nosso caso, a escola e a educação. (aluna 2, 2023).

Presenciar depoimentos como esse fortalece a compreensão da importância crucial da educação na vida de todos, especialmente de crianças, adolescentes e jovens. Valorizar a educação é valorizar uma vida com propósito, esperança e um projeto de futuro, pois é isso que a educação proporciona. Conforme afirma Carranca (2018), a educação desperta a esperança de dias melhores, promove mudanças de vida e realiza sonhos, como o sonho de Malala de se tornar médica. Além disso, Malala enfatiza que sua força residia na caneta.

Esse pensamento é inspirador, pois nos encoraja a enfrentar a guerra, o ódio, a opressão, o machismo, o patriarcalismo e o sexismo por meio da pacificação. Com apenas 17 anos, Malala tornou-se a mais jovem laureada com o Prêmio Nobel da Paz, justamente por sua defesa incansável pela paz e pela educação das mulheres em seu país, e essa defesa alcançou proporções globais.

Agora, chegou a vez de conhecermos as considerações de um estudante. Ele leu o seguinte trecho: “Mas Malala era uma menina muito corajosa, porque ter coragem não quer dizer não ter medo, mas enfrentar os medos que a gente tem. E todo mundo tem medo de alguma coisa, não é?” (CARRANCA, 2018, p. 47). O estudante comentou:

“Gostei de ouvir Malala dizer que todo mundo tem medo, porque mesmo sabendo que ela é muito corajosa, ela mostrou que também sente medo. Eu, mesmo sendo menino, não teria coragem de fazer o que ela fez – denunciar a guerra por meio de seu *blog* – assumo que sou medroso, não teria essa coragem” (aluno 1, 2023).

Foi por meio do *blog* de *Gul Makai*, pseudônimo de Malala, que ela descortinou para o mundo os problemas enfrentados pelas meninas do vale do Swat, desafiando seus próprios medos. Afinal, o Talibã havia imposto uma ordem para que as meninas não saíssem de casa, quanto mais se comunicar com o mundo como Malala fazia.

Para Malala, o *blog* representava uma forma de liberdade, pois por meio dele ela conseguiu se comunicar com o mundo e denunciar o regime talibã, apesar dos riscos envolvidos caso fosse descoberta. Não demorou muito para que os talibãs conseguissem, temporariamente, silenciá-la. Malala foi alvo de três tiros disparados contra ela; embora apenas um tiro a atingisse, foi suficiente para deixá-la desacordada.

O que os homens do regime talibã não imaginavam é que sua tentativa de silenciar Malala apenas a tornaria mais forte. O ataque, em vez de calá-la, fez com que sua voz se amplificasse ainda mais. Como resultado, Malala passou a ser ouvida globalmente e fez novos amigos ao redor do mundo. Um estudante leu o seguinte excerto: “Com o atentado, os homens das montanhas pretendiam calar Malala, mas o feitiço virou contra os feiticeiros. No lugar disso, eles fizeram com que

sua voz se tornasse ainda mais forte. Malala passou a ser ouvida nos quatro cantos e fez novos amigos no mundo inteiro” (CARRANCA, 2018, p. 79-80).

O estudante comentou: “Gostei de saber que o tiro saiu pela culatra, como diz minha mãe. Essa história parece que a gente tá lá vivendo isso com ela, a gente sofre com ela, e force ao mesmo tempo pela recuperação dela” (Aluno 2, 2023). Despertar reflexões como essa nos estudantes, especialmente nos meninos, gera em mim uma grande satisfação, pois mostra que meu trabalho está tendo um impacto real. Acredito que é essencial problematizar questões de ódio e violência, ao mesmo tempo em que incentivamos um percurso de paz. Jacques Delors, em um relatório da UNESCO, afirma sobre a importância da educação e da cultura da paz:

A mais fundamentalmente, a UNESCO estará servindo à paz e à compreensão mútua entre os homens, ao valorizar a educação como espírito de concórdia – emergência do anseio de conviver -, como militantes da nossa aldeia global, que deve ser pensada e organizada para o bem das gerações futuras; desse modo, ela contribuirá para incrementar uma cultura da paz... ao permitir que todos tenham acesso ao conhecimento, a educação desempenha um papel concreto na plena realização desta tarefa universal: ajudar a compreender o mundo e o outro, a fim de que cada um adquira maior compreensão de si mesmo (DELORS, 1989, p. 25-26).

Desconstruir o discurso de ódio e, conseqüentemente, construir uma cultura de paz é uma tarefa que cabe a todos — professores, Estado, famílias, e outros responsáveis — comprometidos com a promoção de uma sociedade mais justa. Nesse contexto, a educação desempenha um papel crucial, sendo fundamental para esse processo.

A história de vida de Malala é notável não apenas por sua militância, mas também pelo impacto inspirador e encorajador que gerou em muitas crianças que conhecem seu engajamento político. Apesar de ter desistido do sonho de ser médica - uma das poucas profissões permitidas às mulheres em seu país -, Malala expandiu seu sonho para algo ainda mais abrangente. Ela expressou seu desejo de se aprofundar em diversos assuntos relacionados aos direitos humanos, afirmando: “Eu quero aprender sobre política, sobre direitos sociais e sobre a lei. Eu quero aprender sobre como posso mudar o mundo” (CARRANCA, 2018, p. 80). Essas palavras foram pronunciadas em seu primeiro dia de aula após o atentado,

refletindo seu compromisso contínuo com a transformação social e a defesa dos direitos humanos.

Assim, Malala transformou sua luta pela educação das meninas em uma causa de atenção global, unindo milhares de pessoas ao redor do mundo. Seu exemplo de empoderamento ressoou fortemente entre meninas e meninos, tanto aqueles fora quanto dentro das escolas. Meus alunos, ao explorarem a história de Malala, puderam perceber o impacto profundo que a educação e a escola têm em suas vidas. Esse reconhecimento também foi confirmado por organizações e instituições internacionais, como a Organização das Nações Unidas (ONU) e o Parlamento da Noruega, responsável pelo Comitê Norueguês do Nobel. Atitudes como as de Malala precisam ser amplamente divulgadas para inspirar muitas outras pessoas a lutar e defender a educação como um direito universal (CARRANCA, 2018).

Após concluirmos a tertúlia, passamos para a produção de cartas motivadoras produzidas em pares. Essas cartas tinham o propósito de explorar as ideias dos estudantes a compartilhar com a turma textos inspiradores para a construção de seus projetos de vida, um dos principais focos da nossa escola em tempo integral.

Uma vez que as cartas estavam prontas, foram colocadas em uma caixa para promover a troca entre os colegas de sala. Cada dupla retirava uma carta da caixa e fazia a leitura para a turma, e esse processo se repetia até que todas as cartas fossem lidas. Em seguida, discutimos as cartas lidas, como a seguinte: "Não tive essa ideia, mas gostei. Acho que gostaria de dizer isso para ela, caso tivesse a oportunidade: você é uma pessoa muito corajosa e admirável... eu não teria a sua coragem" (aluno 3, 2023).

A leitura deste livro foi extremamente inspiradora e acredito que provocou uma mudança significativa em nossa rotina de trabalho. Durante o restante do ano, toda vez que alguém se sentia desmotivado, recordávamos a frase inspiradora de Malala: "Um livro, uma caneta, uma criança e um professor podem mudar o mundo" (YOUSAFZAI, 2014). Eu também creio no poder desse quarteto. No entanto, acima de tudo, está o desejo e a vontade de buscar, essa força propulsora que nos impulsiona para a realização de nossos sonhos e projetos de vida.

Malala não queria ser lembrada apenas como a garota que quase morreu, mas como a garota que tomou uma atitude. Refletir sobre isso é de suma importância para nos auxiliar em nossas conquistas e na luta por efetivar políticas públicas voltadas para as questões tratadas neste artigo.

hooks (2021) nos impulsiona a imaginar um mundo onde todos nós possamos ser quem realmente somos, um mundo de paz e possibilidades, onde a igualdade e a justiça prevaleçam. Esse é o tipo de transformação que a educação e o ativismo, como exemplificados por Malala, podem nos inspirar.

Uma revolução feminista sozinha não criará esse mundo ... Mas ela tornará possível que sejamos pessoas – Mulheres e homens – autorrealizadas, capazes de criar uma comunidade amorosa, de viver juntas, realizando nossos sonhos de liberdade e justiça, vivendo a verdade de que somos todas e todos 'iguais na criação' ...Veja como o feminismo pode tocar e mudar sua vida e a vida de todos nós (hooks, 2021, p. 15-16).

A autora mencionada nos convida a nos aproximarmos do feminismo, visto que ele é um movimento que diz respeito a todas e todos nós. As ativistas feministas foram fundamentais para tornar possíveis mudanças significativas, como o bem-estar de todas as mulheres, independentemente de raça, credo e cultura. Além disso, promovem a solidariedade política entre mulheres, expressa no conceito de "sororidade" (hooks, 2021, p. 36). A sororidade feminista se baseia no comprometimento compartilhado na luta contra o patriarcado e suas injustiças.

FIG. 3 Realização de tertúlia literária



Fonte: Foto do arquivo pessoal do professor/pesquisador, 2023.

Vale lembrar que a escola possui autorização para a liberação de direitos autorais das produções textuais, como imagens, fotografias, áudios, vídeos, entre outros, produzidos dentro e fora do espaço escolar, desde que com finalidade pedagógica.

É importante ressaltar que a participação dos estudantes na tertúlia foi extremamente valiosa. Eles puderam expressar seus sentimentos com a certeza de que não seriam julgados, pois essa estratégia de aprendizagem não envolve julgamento nem hereditariedade de argumentação. Isso permitiu que os discentes se sentissem à vontade para compartilhar seus comentários, promovendo um ambiente de respeito mútuo, empatia e solidariedade entre os colegas.

Além disso, essa abordagem prática ilustra o conceito que Djamila Ribeiro aborda ao discutir o nosso lugar de fala, questionando “quem pode falar ou não, quais vozes são legitimadas e quais não são” (RIBEIRO, 2021, p. 31). Essa permissão para que todos pudessem externar suas opiniões foi essencial para a realização da tertúlia, garantindo que cada voz fosse ouvida, contribuindo para o impacto significativo que Malala conseguiu alcançar com sua luta.

Para Ribeiro (2021), o conceito de lugar de fala refere-se ao “lugar social que as mulheres negras ocupam e o modo pelo qual é possível tirar proveito disso nos apresenta uma trilha interessante” (RIBEIRO, 2021, p. 54). Esse lugar de fala não se resume simplesmente a pronunciar palavras; todas nós podemos fazer isso. O que Ribeiro enfatiza é o poder de fala associado ao poder e ao controle que se tem sobre aqueles que estão ouvindo, como demonstrado pelo impacto da luta de Malala.

A socióloga Gayatri Chakravorty Spivak (2010) aborda a questão da voz das mulheres subalternas em seu livro *Pode o Subalterno Falar?*. Spivak argumenta que o subalterno, neste caso, a mulher, muitas vezes não consegue se expressar ou ser ouvida devido às condições de subalternização. No entanto, Malala Yousafzai demonstra o contrário ao não apenas falar, mas também ter sua voz amplamente ouvida e reconhecida mundialmente. Esta realidade nos leva a questionar profundamente essas questões e ponderar sobre quem pode nos responder. Talvez a educação, ao promover reflexão e consciência crítica, ajude-nos a encontrar respostas para tais indagações.

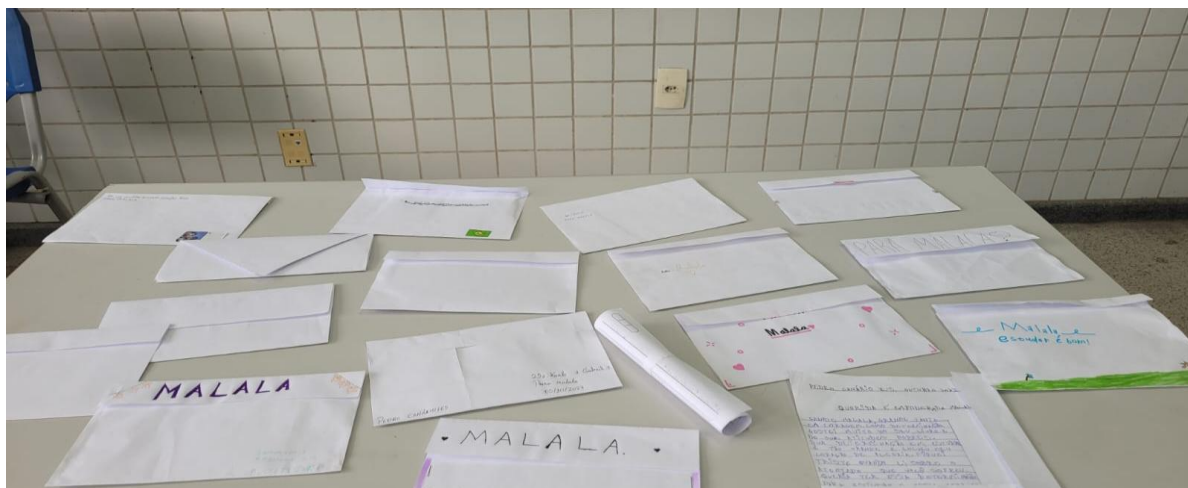
Segundo Spivak (2010), o papel do intelectual pós-colonial é criar ambientes nos quais o sujeito colonizado ou subalternizado possa se expressar e ser ouvido, trabalhando ativamente para combater a subalternidade. Para o sujeito feminino subalternizado, essa tarefa é ainda mais desafiadora, pois a obscuridade é mais profunda. Contudo, Malala Yousafzai conseguiu romper com essa condição. Ela encontrou meios de superar a subalternidade e fez sua voz ressoar globalmente, desafiando as barreiras impostas e promovendo uma mudança significativa.

Trazer à tona a questão do sujeito feminino em situação de subalternização gera discussões intensas, uma vez que as políticas públicas frequentemente não abarcam todos os grupos em tais condições. Spivak (2010) sugere que a teoria crítica deve ser uma prática intervencionista, engajada e contestadora. Em sua escrita, a autora visa produzir um discurso crítico que possa influenciar e transformar a maneira como compreendemos e interpretamos o mundo contemporâneo.

Na nossa quarta e última etapa, realizamos a construção de cartas fictícias para Malala. Essas cartas foram elaboradas apenas para fins pedagógicos, sem a intenção de envio. O objetivo era praticar a escrita desse gênero e analisar o processo de criação e reflexão envolvido.

hooks (2017) afirma que, apesar das suas limitações, a sala de aula continua sendo um ambiente de possibilidades. Concordo plenamente com essa perspectiva, mesmo quando esse espaço reproduz preconceitos, ele ainda oferece oportunidades para a (re)construção de sonhos, como ocorreu comigo e, tenho certeza, que ocorreu também com muitos de meus alunos. É importante destacar que a seleção de alguns depoimentos dos estudantes, não de todos, foi feita com base na relevância desses relatos para as temáticas de gênero, direitos humanos e educação.

FIG. 4 Cartas motivacionais para Malala



Fonte: Foto do arquivo pessoal do professor/pesquisador, 2023.

## Resultados

Os resultados indicam que o estudo da obra *Malala, a menina que queria ir para a escola* proporcionou reflexões profundas sobre as desigualdades de gênero e o direito à educação. Os alunos demonstraram um crescente entendimento sobre a importância de uma educação equitativa e a valorização dos direitos humanos. As discussões sobre feminismo, inspiradas por teóricas como bell hooks e Djamila Ribeiro, foram fundamentais para desconstruir estereótipos e ampliar a conscientização dos estudantes acerca das questões de gênero.

O livro *Malala, a menina que queria ir para a escola*, de Adriana Carranca (2018), nos proporcionou um rico conhecimento sobre questões de gênero, feminismo e direitos humanos, aspectos essenciais para entendermos como a desigualdade contribuiu e contribui para o atraso mental e a segregação entre homens e mulheres. Ademais, o livro ajudou na desconstrução de pensamentos machistas, promovendo maior conscientização sobre a importância da igualdade de gênero e do acesso à educação para todas as crianças, independentemente de seu gênero. Assim, o cerne dessa história reflete a luta de Malala pelo direito à educação das meninas, destacando como elas foram e ainda são impactadas por barreiras sociais. O livro também revela a grandiosidade do alcance da voz de Malala, uma defensora dos direitos humanos, especialmente para as mulheres, e

sua resistência pacífica na luta por mudanças e promoção da igualdade de gênero.

A história de Malala Yousafzai exemplifica de maneira poderosa a importância de reconhecer e ampliar as vozes das mulheres em todo o mundo. Seu compromisso com a defesa da educação das mulheres, mesmo diante das ameaças e da violência que enfrentou, destaca a necessidade urgente de dar voz àquelas que são silenciadas. A teoria de Spivak (2010) sobre a subalternidade reforça que as vozes das mulheres subalternizadas muitas vezes são ignoradas ou distorcidas pelas estruturas de poder dominantes. Reconhecer e criar espaço para essas mulheres é crucial para construir uma sociedade mais justa e igualitária.

Além disso, o debate sobre Malala e sua trajetória inspirou os estudantes a refletirem sobre a importância da resistência pacífica e da cultura da paz. Malala, influenciada por seu pai, aprendeu a agir de maneira pacificadora, o que a levou a ser a mais jovem contemplada com o Prêmio Nobel da Paz em 2014. Essa discussão provocou nos estudantes uma série de reflexões e ações: estimulou-os a persistir em seus projetos de vida, incentivou-os a promover uma cultura de paz nos relacionamentos dentro e fora da escola, reforçou o compromisso com a igualdade de gênero e despertou o ativismo pelos direitos humanos.

Importante ressaltar que essas ações não se esgotam aqui. Identificamos algumas lacunas no livro utilizado nesta pesquisa em relação a diversas temáticas, tais como: mulheres em conflitos armados, participação da mulher na política, violência de gênero, desigualdade econômica, questão religiosa, e interseccionalidade, entre outras. Abordar essas lacunas permite que outros pesquisadores contribuam para uma compreensão mais ampla das questões de gênero e dos direitos humanos relacionados às mulheres. Isso pode, então, informar a formulação de políticas e práticas mais eficazes e inclusivas, ampliando o impacto positivo da educação e do ativismo social.

É imprescindível que os estudantes sejam sensibilizados sobre a importância da dignidade humana, do respeito à diversidade e da valorização da igualdade. Ao serem expostos a esses princípios desde cedo, adolescentes e jovens podem e poderão transformar-se em agentes de mudança, com potencial para combater a desigualdade de gênero, o machismo, a violência e outras formas de violação dos direitos humanos em suas comunidades e na sociedade em geral.

Ao incorporar as perspectivas de bell hooks, Djamila Ribeiro e Gayatri Chakravorty Spivak na análise de *Malala, a Menina que Queria Ir Para a Escola*, desenvolvemos uma compreensão mais profunda das questões de gênero, feminismo e direitos humanos presentes na obra. Essas autoras nos instigam a pensar de forma crítica e interseccional, reconhecendo as múltiplas dimensões de opressão que atravessam as vidas das mulheres, especialmente as subalternizadas. Ao destacar a necessidade de promover justiça social e igualdade, reforçamos o papel fundamental da educação na transformação dessas realidades e no empoderamento das próximas gerações.

Dessa forma, com essas ações, não se pretende criar um catálogo exaustivo de práticas, nem esgotar o tema da relação entre direitos humanos e educação. O objetivo é contribuir para o compromisso de levar as melhores práticas aos educandos do nosso Estado e nação, ampliando as possibilidades de atuação e de discussão sobre essa temática crucial. A educação, ao promover o respeito à diversidade, à dignidade humana e à igualdade, fortalece o papel dos jovens como agentes transformadores, capacitando-os para enfrentar os desafios sociais e fomentar uma sociedade mais justa e igualitária.

## Referências

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm)

CARRANCA, Adriana. **Malala, a menina que queria ir para a escola.** 2. ed. São Paulo. Companhia das Letrinhas, 2018.

DELORS, Jacques (coord.). **Educação: um tesouro a descobrir:** Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. Tradução de José Carlos Eufrazio. São Paulo: Cortez Editora. Brasília: Unesco, 1998.

ESPÍRITO SANTO. SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. **Currículo do Espírito Santo.** Vitória: SEDU, 2014. <https://curriculo.sedu.es.gov.br/curriculo/documentos/>

ESPÍRITO SANTO. **Caderno Metodológico: Tema Integrador Educação em Direitos Humanos,** 2012. <https://drive.google.com/file/d/18hv8nSxQgk3nOqW9nu9zJuU1e2SnoDA/view>.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** Tradução de Marcelo Brandão Cipolla – 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras.** 16. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2021.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala. Feminismos plurais. 8. Reimpressão.** São Paulo: Sueli Carneiro; Jandaíra, 2021.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulard Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

UNESCO. **Programa Mundial para a Educação em Direitos Humanos: Plano de Ação.** Brasília: UNESCO, 2012.